

## PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DE GESTÃO INTERNACIONAL: SERÁ ELA REALMENTE QUALITATIVA?

**Autoria:** Gabriel Vouga Chueke, Manolita Correia Lima

### Resumo

O presente ensaio-teórico tem por objetivo contribuir para o debate sobre questões metodológicas intrínsecas ao processo de produção de conhecimento no campo da gestão internacional. Acredita-se que produzir conhecimento na área de gestão internacional é desafiante, por se tratar de um fenômeno amplo, controverso e multifacetado, cuja complexidade tem justificado a formulação de múltiplas teorias e modelos de análise. Entretanto, um olhar crítico sobre a literatura revela que as investigações desenvolvidas nesse campo têm sido predominantemente conduzidas com o suporte de metodologias quantitativas, fortemente influenciadas pela visão hegemônica norte-americana. Estudos bibliométricos realizados por Wright (1994), Werner (2002), Peterson (2004), Seno-Alday (2009) empreendem esforços para mapear a evolução da área de gestão internacional, os resultados corroboram com a afirmativa anterior, apontando que há predominância de investigações de base quantitativa; escassez de diversidade de métodos explorados e supremacia do paradigma funcionalista. Entretanto, observa-se, que o uso de paradigmas críticos e interpretativos, por exemplo, pode colaborar para a emergência de um campo vibrante na medida em que dispõem de visões teóricas distintas e de potencial para enriquecer a compreensão da complexidade, ambigüidade e paradoxos organizacionais, possibilitando a formulação de teorias mais inclusivas (LEWIS e GRIMES, 2007). Apesar das dificuldades apontadas, Marschan-Piekkari e Welch (2004) destacam alguns aspectos que podem contribuir para o fortalecimento da abordagem qualitativa na pesquisa em gestão internacional. Um deles se refere à ausência de teorias sofisticadas, decorrentes da pouca maturidade teórico metodológica do campo, isso justificaria a necessidade de realização de pesquisas exploratórias ao invés de testes empíricos, que pressupõem constructos teóricos ainda pouco desenvolvidos. Outro ponto, seria a questão da interculturalidade, acredita-se que a exploração de métodos qualitativos – por valorizar o contexto e trabalhar com dimensões holísticas – pode contribuir para a melhor compreensão da realidade na medida em que sofrerão menor influência do etnocentrismo, freqüentemente observado na condução de *surveys* internacionais (MARSCHAN-PIEKKARI e WELCH, 2004). Talvez, essa limitação do campo em relação a abordagens qualitativas decorra da pouca familiaridade da academia em lidar com metodologias mais interpretativistas (MARSCHAN-PIEKKARI e WELCH, 2004), em que a credibilidade, transferibilidade, confiança e confirmabilidade substituem a validade interna, validade externa, confiabilidade e objetividade (DENZIN e LINCON, 2006; MATTOS, 2006).

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros esforços sistemáticos para o desenvolvimento de teorias no campo dos negócios e da gestão internacional iniciam-se a partir do período pós-segunda guerra mundial, fase marcada pelo incremento das exportações e investimentos externos estadunidenses na reconstrução e no desenvolvimento de vários países do mundo (PARKER, 1998). Werner (2002) esclarece que o termo gestão internacional é empregado para delimitar o campo de conhecimento que pesquisa três grandes temas, são eles: (i) o gerenciamento no contexto da empresa multinacional, (ii) os estudos comparados de práticas gerenciais e diferenças culturais entre países e (iii) os estilos gerenciais fora do contexto norte-americano. Esses temas são discutidos sob a lente de diversas disciplinas como a sociologia, a psicologia, a antropologia, a economia, entre outras o que tornam os debates no campo complexos e muitas vezes divergentes.

Antes de avançarmos, faz-se necessário resgatarmos a discussão sobre: O que é uma empresa multinacional? Para isso, não abordaremos definições mais elementares como empresa doméstica, empresa internacional e outras mais complexas e duvidosas como empresa transnacional (para aprofundamento ver YIP, 1989; KEEGAN e GREEN, 1997). Neste artigo teórico, entende-se que uma empresa multinacional pode ser definida como uma organização que controla e administra estabelecimentos de produção localizados em pelo menos dois países (MARIOTTO, 2007). A empresa multinacional está tão envolvida com atividades internacionais que cria várias réplicas da organização em vários países. Essas réplicas têm o intuito de fazer com que a corporação possa usufruir de vantagens de uma empresa nacional e, ainda, possa contar com suprimentos, tecnologias e habilidades globais (RHINESMITH, 1993). Entretanto, essas empresas deparam-se com contextos sociais, culturais e institucionais diferentes daqueles de seu país de origem. O que torna o processo de gestão mais disperso, complexo e desafiador.

Do ponto de vista acadêmico, tal fato reflete-se no desafio de investigar um fenômeno multifacetado, que devido a sua complexidade propicia o surgimento de várias teorias e modelos de análise (ver WELCH, L. S e LUOSTARINEN, 1988; CARNEIRO e DIB, 2007; HEMAIS e HILAL; 2004; REZENDE; 2003). Contudo, observa-se que o campo de gestão internacional é impregnado por metodologias de natureza quantitativa e dominado pela visão hegemônica norte-americana (MARSCHAN-PIEKKARI e WELCH, 2004). Deste modo, procuramos contribuir para o debate sobre pesquisa qualitativa no campo da gestão internacional, apontando os principais pontos discutidos pelos seus representantes acadêmicos e apresentando algumas reflexões sobre o tema. Acredita-se que reflexões sobre fazer pesquisa no contexto internacional é condição *sine qua non* para o progresso do saber científico nesse infante campo de conhecimento.

Para alcance deste objetivo, o ensaio está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, a seção que precede explora a literatura na área de gestão internacional, buscando apresentar a evolução do campo; em seguida discutimos como a questão paradigmática pode influenciar no processo de pesquisa qualitativa no contexto internacional; na seção seguinte tratamos sobre a necessidade de diálogos entre diferentes campos do saber, como alternativa a idéia de interdisciplinaridade; e na seqüência procuramos apontar com tais temas são tratados na área de gestão internacional, para assim construirmos algumas reflexões sobre o tema; Por último, tecemos as considerações finais.

## 2 ARCABOUÇO TEÓRICO

### 2.1 Um olhar sobre o campo de gestão internacional

Estudos bibliométricos como os de Wright (1994), Werner (2002), Peterson (2004) e Seno-Alday (2009) se propõem a mapear a evolução da área de negócios internacionais e de gestão internacional. Podemos, assim, destacar alguns pontos de atenção presentes nesses estudos como: (i) a predominância da visão norte-americana; (ii) a expressiva quantidade de estudos de base quantitativa; (iii) a escassez de diversidade de métodos de pesquisa e iv) a supremacia do paradigma funcionalista. Esses estudos também apontam tendência à inserção de técnicas de natureza qualitativa como entrevistas, etnografia e *grounded theory* para a validação dos dados coletados por meio de estudos quantitativos. Busca-se, desta forma, maior respaldo para os resultados encontrados por meio da aplicação de *surveys*, metodologia mais recorrente no campo.

Algumas explicações são dadas por esses autores para justificar, e até certo ponto corrigir essas limitações da área de gestão internacional. É enfatizada a necessidade de maior veiculação de artigos originados a partir de realidades distintas das tradicionais, assim como a necessidade de times de pesquisa interdisciplinar e intercultural para criação de conhecimento abrangente sobre o campo.

Ainda, os acadêmicos do campo recomendam o melhor aproveitamento de metodologias de pesquisa, através da “triangulação” de métodos de pesquisa. Assim, os métodos qualitativos, perdem o caráter exploratório, e servem para a validação interna das pesquisas na área de gestão internacional. Partindo dessa premissa, o diálogo entre as disciplinas torna-se necessário, conferindo um caráter interdisciplinar aos estudos, e não multidisciplinar, como tradicionalmente ocorre.

Outro ponto de interesse, destacado nesses estudos deve-se a importância de pesquisas longitudinais e a padronização de instrumentos de coleta de dados, deste modo é possível comparar os resultados de pesquisas realizadas em mais de um país. Para minimizar problemas relativos a acesso a empresas locais, tradução de instrumentos de pesquisa, codificação dos dados coletados e a distância cultural; Oferece-se como opção convênios com pesquisadores nativos que terão maior facilidade para executar esses procedimentos de pesquisa.

Para justificar o expressivo número de artigos especializados que usam basicamente um único método de pesquisa é trazida a tona a dificuldade dos futuros pesquisadores, no caso doutorandos e pós-doutorandos, em publicar pesquisas de caráter interdisciplinar, que usam técnicas e métodos de pesquisas não “legitimados” pela academia, principalmente a norte-americana, sede dos principais eventos e periódicos acadêmicos na área de gestão internacional.

### 2.2 Paradigmas em pesquisa qualitativa no âmbito internacional

Marschan-Piekkari e Welch (2004) alertam sobre o fato de fenômenos oriundos da área de gestão internacional serem complexos e multifacetados. Esses fenômenos envolvem contextos diversos e múltiplos níveis de análise. Destarte, cabe formularmos uma pergunta elementar: Será a metodologia de natureza quantitativa adequada para estudar os fenômenos relacionados à gestão internacional?

Como possível caminho para solucionar tal questão, lembramos que o pesquisador poderá refletir sobre sua pergunta de pesquisa. E questionar se uma única teoria, um único método de pesquisa e um único instrumento de coleta e análise de dados será capaz de dar

conta de um fenômeno que ocorre a partir da interação de realidades múltiplas, localizadas em diferentes contextos, como países, culturas, organizações, setores competitivos.

Caldas (2007) nos ajuda a refletir sobre esse ponto propondo que a posição ontológica e epistemológica a qual o pesquisador irá se afiliar irá sustentar o estudo em questão, e, por conseguinte contribuirá para responder a pergunta de pesquisa. Todavia, a metodologia adotada para o alcance desse objetivo deverá estar alinhada ao paradigma escolhido pelo pesquisador.

Deste modo, vale lembrar que a pesquisa qualitativa tem como berço duas vertentes de pensamento antagônicas o positivismo-lógico e o interpretativismo (GODOI, 2006). Sendo a primeira, considerada como paradigma dominante (BOAVENTURA, 1997). Assim, podemos compreender o motivo da maior parte dos estudos em gestão internacional se afiliarem a corrente funcionalista. No entanto, Morgan (2007) alerta sobre a necessidade de rompimento do paradigma funcionalista, obrigando os pesquisadores a realizar diálogos entre diferentes paradigmas para obtenção de conhecimento mais profundo sobre diversos temas. O uso de paradigmas mais críticos e interpretativos traz como resultado um campo vibrante com visões teóricas distintas, que podem enriquecer nossa compreensão da complexidade, ambigüidade e dos paradoxos organizacionais, visando o desenvolvimento de teorias mais inclusivas (LEWIS E GRIMES, 2007).

No entanto, de acordo com Lewis e Grimes (2007) ao mesmo tempo que essa mentalidade paradigmática se prolifera acaba por polarizar as perspectivas, muitas vezes inibindo o diálogo entre os paradigmas, predispondo os teóricos contra explicações rivais às suas, encorajando o desenvolvimento de teorias de visão estreita. Como estratégia metodológica para aplicação de diversidade paradigmática os autores propõem modelos multiparadigmáticos. Esse tipo de pesquisa poderá proporcionar um equilíbrio entre o dogmatismo e realismo, auxiliando os acadêmicos na construção de teorias a partir da ampliação de escopo, relevância e criatividade. Como consequência, constrói-se um campo de visão mais rico, holístico e contextualizado, auxiliando os teóricos a explorar padrões que fazem ligações entre entendimentos conflitantes.

### **2.3 Colaboração da pesquisa interdisciplinar para o campo de gestão internacional**

Com o passar dos anos e amadurecimento do campo de gestão internacional, tornam-se constantes os apelos por pesquisas interdisciplinares, sendo Dunning (1989) um de seus precursores. Como exemplo recente, em 2009, um dos periódicos mais respeitados da área (*Journal of International Business Studies*) ressalta a necessidade de estudos interdisciplinares que englobem diferentes análises contextuais - ambiente econômico, social, político e institucional.

Sendo assim, Cheng et al. (2009) procuram prescrever três características elementares da pesquisa interdisciplinar: (i) elas deverão estar alicerçadas sobre duas ou mais disciplinas e métodos, (ii) como parte do processo investigativo essas idéias devem convergir para gerar conhecimento novo e relevante, (iii) os resultados obtidos não poderão ser alcançados a partir da luz de uma única disciplina ou método. Vale destacar que a pesquisa multidisciplinar difere da pesquisa interdisciplinar, pois na pesquisa multidisciplinar pesquisadores de diferentes áreas têm um problema em comum, porém, trabalham de forma independente ou sequencial baseados em seu próprio território disciplinar.

Um dos grandes desafios da pesquisa interdisciplinar se dá justamente no fato de se realizar empréstimos ou muitas vezes apropriações conceituais de outros campos de conhecimento. Essa transferência de conceitos muitas vezes pode resultar em distorções, justamente pelas diferenças de metodologias e paradigmas adotados (PFEFFER, 1993). Deste modo, defendemos que a pesquisa interdisciplinar deve caminhar junto a estratégias de

pesquisa multiparadigmática. Também, ressaltamos a idéia de que times de pesquisadores sejam formados trazendo maior riqueza a esse tipo de estudo.

Entende-se que o trabalho entre times interdisciplinares pode ser um tanto complexo, exigindo do pesquisador tempo, recursos e paciência necessários para desenvolvimentos teóricos consistentes. Visões de mundo distintas irão promover a consistência interna da pesquisa, a partir da integração de pressuposições e níveis de análise.

É interessante observar que o campo de gestão internacional dá maior sustentabilidade para interdisciplinaridade e traz como desafio a integração de várias áreas de conhecimento. Guedes (2005) considera que as dificuldades em se integrar disciplinas surgem devido a barreiras psicológicas e institucionais. A autora também nos lembra que a interdisciplinaridade não constitui nova disciplina, ou colonização, e sim a integração de conceitos e idéias em busca de descrições mais abrangentes da realidade, incorporando-se assim a complexidade do fenômeno.

Por último, trazemos para discussão um problema comum em pesquisa em multinacionais, a questão do nível de análise. Diversos são os casos que informações sobre a matriz são usadas para inferir algo a respeito das subsidiárias e vice-versa. Em outros casos países são tratados como objeto de estudo, destaca-se que países podem não constituir níveis de análise, nesse tipo de pesquisa, e sim refletem o contexto o qual exerce influência sobre a matriz e subsidiárias (GUEDES, 2005). A necessidade de integração de níveis de análise é latente. Assim como a integração entre pesquisadores oriundos de diversas disciplinas, como já foi enfatizado anteriormente.

#### **2.4 A pesquisa qualitativa e sua aplicação em gestão internacional**

Segundo Marschan-Piekkari e Welch (2004), os métodos qualitativos têm o poder de transformar a pesquisa em gestão internacional, como o fez em outras áreas. As autoras nos recordam de estudos originados a partir de abordagem qualitativa como o seminal artigo de Johanson e Valhne (1977), um dos mais citados no campo. Entretanto, acredita-se que, todavia, a pesquisa qualitativa permanece marginalizada e estigmatizada. Muitos acadêmicos consideram essa abordagem exploratória, não científica, feminina e pouco atrativa para a carreira (MARSCHAN-PIEKKARI e WELCH, 2004). Deste modo, a batalha por reconhecimento nos últimos anos é tensa e caminha a passos lentos, apesar do modismo lançado por alguns periódicos de renome.

No entanto, de acordo com Marschan-Piekkari e Welch (2004), alguns pontos contribuem para o fortalecimento da pesquisa qualitativa em gestão internacional. Um deles refere-se à ausência de teorias sofisticadas, decorrente da não maturidade do campo. Também, a necessidade de realização de mais estudos exploratórios do que testes empíricos. Acredita-se que a metodologia qualitativa possa contribuir para a compreensão mais profunda da interculturalidade, e que sofra menor influência do etnocentrismo, presente constantemente em *surveys* internacionais. Ainda, as autoras destacam que os métodos qualitativos são mais holísticos do que abordagens quantitativas, por considerar o fenômeno em seu contexto. Outro argumento explorado é o fato de o contexto sociocultural de países em desenvolvimento favorecer estudos qualitativos, já que o contato face a face e a confiança são valorizados nesse tipo de ambiente.

As autoras concluem que são quatro os desafios lançados aos futuros candidatos e pesquisadores qualitativistas em gestão internacional. O primeiro refere-se à necessidade de se contextualizar o processo de pesquisa – o que funciona em casa funcionará em outro contexto? É comum na área vermos estudos de caso serem elaborados seguindo as mesmas prescrições usuais, sem qualquer tipo de adaptação ou respeito às diferenças culturais (ver

Yin, 2001). Essas adaptações favorecem o entendimento de significados locais, trazendo a riqueza de novas descobertas para a pesquisa.

O segundo desafio enfatiza a importância da colaboração entre pesquisadores, principalmente quando acadêmicos estrangeiros buscam entender a realidade de um país diferente daquele onde desenvolvem seus estudos. Entende-se que pesquisadores nativos têm maior compreensão da cultura local, e podem assim melhor compor uma unidade social de estudo e melhor adaptar instrumentos de pesquisa ao contexto local. Acredita-se que a pesquisa qualitativa colaborativa no âmbito internacional é menos centralizada em nível de controle do que *surveys* - método em que questionários únicos são usados e a coleta e interpretação de dados ignoram a importância do contexto. Deste modo, a entrevista ou outras técnicas de viés qualitativo podem constituir uma fonte de dados mais criativa, já que fazem distinção entre gênero, cargo, nacionalidade, experiência etc. Também, possibilitam melhor entendimento dos diferentes sistemas locais.

O terceiro desafio remete os pesquisadores a repensarem os métodos tradicionais de pesquisa. Surgem debates discordando da ideia de que métodos qualitativos sejam apenas de caráter exploratório. Evidências apontam que a abordagem qualitativa é usada, com certa frequência, para validação de interpretações decorrentes de dados quantitativos. Contudo, e apesar de entrevistas propiciarem uma melhor visão de um fenômeno, elas sofrem de limitações como a fragilidade da relação entre pesquisador e pesquisado, tendenciamento de interpretações por parte do pesquisador, entre outros. Buscando minimizar esses problemas, alguns pesquisadores, principalmente da área de *cross-cultural* (ver SHARPE, 2006), realizam empréstimos do campo da antropologia e outras disciplinas introduzindo no campo da gestão internacional técnicas como a observação direta ou participante, tradicionalmente empregadas em estudos etnográficos. Essas adaptações permitem uma visão mais ampla de uma organização e dos significados compartilhados por um grupo ou comunidade.

Por último, o desafio imposto aos acadêmicos qualitativistas deve-se a qualidade e “publicabilidade” de suas pesquisas. O que constitui qualidade em pesquisa qualitativa? Visando contribuir para essa discussão sobre validação e rigor, estudiosos advogam pela importância da “triangulação” de métodos qualitativos e quantitativos. Eles argumentam que o casamento entre os métodos pode ocasionar em maior representatividade e legitimação da abordagem qualitativa no campo de gestão internacional. Também, poderá contribuir para que os *journals* de renome internacional reformulem suas políticas editoriais e preparem seu corpo de pareceristas para abrigar novas formas de fazer ciência.

### 3 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que o campo de gestão internacional é amplo e controverso, e ainda, pouco experiente em relação à aplicação de métodos qualitativos para geração de conhecimento. Tal fato contribui para a limitação metodológica e para o engessamento do campo dentro da perspectiva positivista.

Como exemplo a ser seguido, sugere-se que a área de gestão internacional poderá aprender com a experiência de outros campos de saber, principalmente com a área de estudos organizacionais. Na qual existem reações propositivas contra a forma tradicional de se fazer ciência. Este campo sensibiliza-se em relação a premissas epistemológicas alternativas que pregam que a realidade é subjetiva, construída a partir das representações dos sujeitos e entre sujeitos. O mundo fundamente-se na subjetividade humana, não na objetividade científica, assim pesquisador e objeto são construídos na experiência.

Desta forma, um possível caminho para rompimento do paradigma dominante seria a pesquisa qualitativa, que segundo Flick apud Godoi (2006) abriga várias formas de investigação que auxiliam os pesquisadores no entendimento do sentido de fenômenos

complexos, com menor ruptura do ambiente natural em que ocorrem. Assim, a pesquisa qualitativa, não procura enumerar ou medir eventos estudados, nem prega referencial estatístico na análise de dados, os interesses vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve (DENZIN e LINCOLN, 2006). Ao contrário do que observamos no campo da gestão internacional, em que muitas vezes a pesquisa qualitativa serve como instrumento para validação de dados e o papel do contexto é ignorado (MARSCHAN-PIEKKARI e WELCH, 2004).

Ainda, do ponto de vista metodológico, acredita-se que a melhor possibilidade para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador colocar-se no papel do outro (GODOY, 1995). Denzin e Lincoln (2006) complementam que a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo; consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Busca-se, assim, entender o fenômeno em termo dos significados que as pessoas a ele conferem. No âmbito das pesquisas em gestão internacional, na maior parte dos casos, o olhar do outro é relegado ao olhar do pesquisador, mesmo quando os métodos são flexibilizados por meio de “entre-vistas”. Tal fato talvez ocorra pelo despreparo da academia em lidar com metodologias mais interpretativistas, como o caso da etnografia. Neste tipo de método não se busca generalizar os resultados alcançados, e sim entender uma visão de mundo singular.

No que tange a validade externa e transferibilidade, ou seja, como tais conclusões poderão ser transferidas para outro contexto – generalização – Denzin e Lincoln (2006) argumentam que esses critérios de qualidade não fazem parte do contexto da abordagem qualitativa. Nessa perspectiva a credibilidade, transferibilidade, confiança e confirmabilidade substituem a validade interna, validade externa, confiabilidade e objetividade. A generalização objetiva é substituída pela generalização naturalística, em que o próprio leitor é responsável por generalizar, se isso é possível (MATTOS, 2006).

Por último, como limitações do campo, aponta-se a colonização e a distorção cometida pelos pesquisadores que buscam flexibilizar a área de gestão internacional. Talvez, isso ocorra devido à necessidade, ou quase imposição, de inovar em um mercado, considerado por muitos, cada vez mais competitivo. Nesse contexto, reúnem-se provocações que merecem inspirar reflexões cuidadosas: até que ponto é possível assegurar que a pesquisa qualitativa em gestão internacional é realmente qualitativa? Como visões mais arejadas poderão obter legitimidade entre os pares acadêmicos, pouco familiarizados com perspectivas epistemológicas “alternativas”? É possível assegurar que editores e pareceristas dos periódicos desse campo dispõem de formação metodológica e critérios diferenciados para avaliar tal tipo de produção? Cabe a academia refletir sobre tais provocações, para assim colaborar com o amadurecimento desse promissor campo de saber.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, J. M. T.; DIB, L. A. Avaliação comparativa do escopo descritivo e explanatório dos principais modelos de internacionalização de empresas. *INTERNEXT – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM*, v. 2, n. 1, p. 26, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://internext.espm.br/>>. Acesso em: 03 maio 2010.

CHENG, J; HENISZ W.; ROTH, K.; SWAMINATHAN A. From the Editors: Advancing interdisciplinary research in the field of international business: Prospects, issues and challenges. *Journal of International Business Studies*, 2009, 40, p. 1070–1074.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa” in: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-42.

DUNNING, J. H. The study of international business: A plea for a more interdisciplinary approach. *Journal of International Business Studies*, 1989, 20(3), p. 411–436.

GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson. “Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar” in: GODOI, Christiane Kleinübing et al. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006, p.1-16.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 1995, v.35, n. 2, p. 57-63.

GUEDES, A. “Pesquisa internacional em gestão: uma abordagem interdisciplinar com múltiplos níveis de análise” in: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. *Pesquisa qualitativa em Administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.71-96.

HEMAIS, C. A.; HILAL, A. Teorias, Paradigma e Tendências em Negócios Internacionais: de Hymer ao empreendedorismo. In: HEMAIS, C. O. *O Desafio dos Mercados Externos*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, p. 17-39.

JOHANSON. J.; VAHLNE, J. The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing market commitment. *Journal of International Business Studies*, 1977, v. 8, p. 23-32.

KEEGAN, W. e GREEN, M. *Principles of Global Marketing*. New Jersey: Prentice Hall, 1997.

LEWIS, M. e GRIMES, A. “Metatriangulação: construção teórica com base em paradigmas múltiplos”. In CALDAS. M.; BERTERO, C. *Teoria das organizações*. São Paulo: Atlas, 2007.

MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. “Os resultados de minha pesquisa qualitativa não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is dessa ressalva. In: *Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração*, 30, 2006, Salvador, Anais... Salvador: ANPAD, 2006. 1 CD-ROM.



MARSCHAN-PIEKKARI, R. AND WELCH, C. “Qualitative research methods in international business: the state of the arte” in: Marschan-Piekkari and Welch (Orgs.) Handbook of qualitative research methods for international business, 2004.

MARIOTTO, F. L. Estratégia Internacional da Empresa. São Paulo: Thomson, 2007.

MORGAN, G. “Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeça na teoria das organizacionais”. In CALDAS. M.; BERTERO, C. Teoria das organizações. São Paulo: Atlas, 2007.

PARKER, B. “Evolução e revolução: da internacionalização à globalização”. In: CLEGG. S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Eds.). CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1998.

PFEFFER, J. Barriers to the advance of organizational science: paradigm development as a dependent variable. *Academy of Management Review*, 1993, v. 18, n. 4, p. 599-620.

PETERSON. R. “Empirical research in international management: a critique and future agenda” in: Marschan-Piekkari and Welch (Orgs.) Handbook of qualitative research methods for international business, 2004.

REZENDE, S. F. Internationalization processes: an analytical framework. In: *Revista de Administração Contemporânea*, 2003, v. 7, n. 3, p. 137-156.

RHINESMITH, S. H. Guia Gerencial para Globalização. Rio de Janeiro: Berkeley, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 9ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

SENO-ALDAY. International business thought: A 50-year footprint. *Journal of International Management*, 2009, Vol. 16, No. 1, 16-31.

SHARPE. R. Shop floor practices under changing forms of managerial control: A comparative ethnographic study of micro-politics, control and resistance within a Japanese multinational. *Journal of International Management*, 2006, Vol. 12 (3), p. 318-339.

WELCH, L. S.; LUOSTARINEN, R., Internationalization: Evolution of a Concept, *Journal of General Management*, 1998, 34, Winter, p. 34-57.

WERNER, S. Recent Developments in International Management Research: A Review of 20 Top Management Journals. *Journal of Management*, 2002, Vol. 28, No. 3, 277-305.

WRIGHT, W. Trends in international business research: twenty-five years later. *Journal of international business studies*, vol. 25, n. 4, 1994.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.